

“AQUI, A SALVAÇÃO É COMO UM BILHETE DE LOTERIA PREMIADO”
(Nádia Pereira, cujo irmão Edelson morreu ontem)

O “ACASO ECOLÓGICO” FATAL

Polêmica sobre a água

Com as mortes se sucedendo em Caruaru, o secretário estadual da Saúde, Jarbas Barbosa, determinou a interdição do IDR e a transferência dos pacientes — todos com sintomas de intoxicação, como tontura, náusea, dores no corpo, problemas neurológicos e de visão e aumento no volume do fígado — para o Hospital Barão de Lucena, em Recife. A água que abastecia a clínica, então, tornou-se o alvo da investigação. No IDR, 126 pacientes faziam hemodiálise. Hoje, 42 morreram, 66 estão internados no Hospital Barão de Lucena, em Recife, e 18 continuam em Caruaru.

Há poucos dias, a pesquisadora Sandra Azevedo, do Laboratório de Cultivo e Fisiologia de Microalgas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, detectou a presença da toxina microcistina-LR no filtro de carvão ativado usado na filtragem da água do IDR e concluiu que os pacientes morreram em consequência de hepatite tóxica.

A toxina que envenenou os doentes renais, segundo a pesquisadora, foi liberada por um tipo raro de microalga, a cianobactéria ou microalga azul. “Não sabemos qual acasos ecológico provocou a reprodução tão rápida dessa microalga”, diz o secretário da Saúde.

O “acasos ecológico”, conforme especialistas ouvidos pelo JT, se resume na reunião de pelo menos três condições favoráveis ao desenvolvimento da cianobactéria: luz, calor

Acusações

BUSCAM-SE CULPADOS

e acúmulo de material orgânico — tudo o que não falta no Açude de Tabocas, situado a 40 km de Caruaru e que abastece a população da cidade.

“Como Caruaru tem problema de falta de água, caminhões-pipa são abastecidos no tanque de decantação da Compesa (Companhia Pernambucana de Saneamento)”, diz Jarbas Barbosa. “É uma água pré-tratada e só serve para consumo depois de fervida.” Segundo ele, entre os dias 13 e 16 de fevereiro, o IDR usou essa água para as hemodíalises. As clínicas que atendem pacientes renais têm de fazer uma filtragem adicional ao usar a água nas máquinas de hemodiálise — em cada sessão, são consumidos 120 litros.

Embora a água não tenha contato direto com o sangue do paciente, passa separada dele apenas por uma membrana permeável. Além disso, a polícia descobriu que o funcionário encarregado da filtragem da água no IDR não estava habilitado para o trabalho — era um técnico em eletrônica, formado em um curso por correspondência.

Segundo a Secretaria de Saúde, a população de Caruaru não está exposta à contaminação. “Não tivemos nenhum caso fora do IDR”, afirma Barbosa. Ele garante também que a água usada pelo Instituto de Nefrologia e Urologia de Caruaru (Inuc), a outra clínica de hemodiálise da cidade, é fornecida pela Compesa e não apresenta riscos. “A água está sendo monitorada”, diz.

Bráulio Coelho e Antônio Bezerra, diretores do IDR (e também do Inuc), têm denunciado que a água de Caruaru está contaminada pela microalga azul. Jarbas Barbosa, no entanto, contra-ataca alegando que os responsáveis pela clínica onde houve as 42 mortes “querem gerar pânico na cidade e provar que a água distribuída pela estatal não oferece segurança”.

“O que matou os doentes veio pela água que eu comprava da Compesa”, afirma Bráulio Coelho. “Eu não tinha a obrigação de saber que ela não recebia tratamento adequado.”

Tragédia da hemodiálise faz a 42ª vítima

Edelson Pereira é o último a pagar por erros no caso da água contaminada de clínica em Caruaru

Marinês Campos, enviada especial

Foto: de Ricardo S. e em AE



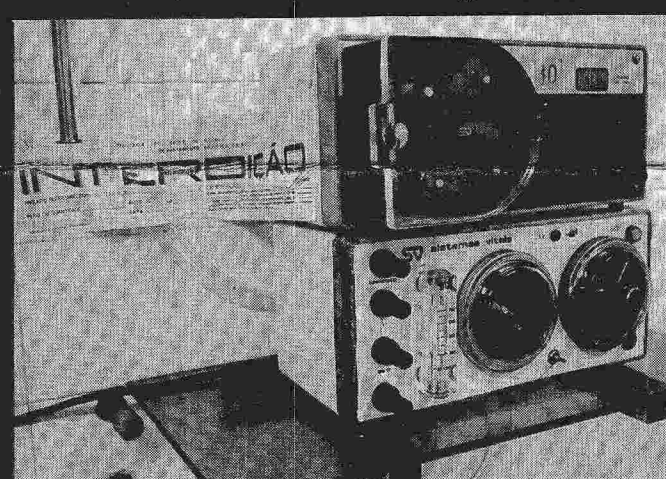
Edelson Pereira, paciente do IDR de Caruaru que morreu ontem, ao deixar o hospital no domingo



O desespero de Nádia: “Edelson vai morrer”



Braulio Coelho, diretor do IDR: “Eu não tinha obrigação de saber”



Máquina interditada: água contaminada

A viúva que defende as famílias

ZENEIDE, A LÍDER

A voz das famílias das vítimas do IDR tem sido a de Zeneide Trajano Vieira, que perdeu o marido, Pedro Vieira Neto, de 59 anos, na tragédia de Caruaru. Industrial do ramo de calçados e diretor de futebol do Central Esporte Clube, Vieira Neto era amigo de deputados estaduais e do vice-presidente Marco Maciel. Com boa situação financeira, amizades influentes e consciente de seus direitos de cidadã para cobrar a punição dos culpados pelas 42 mortes, Zeneide tem denunciado a negligência dos donos da clínica e das autoridades do Estado e lutado por justiça.



Zeneide Vieira, viúva de uma das vítimas da hemodiálise: “Vi uma pessoa morrer e avisei que ia denunciar”

gência dos donos da clínica e das autoridades do Estado e lutado por justiça.

“Até a morte do meu marido, 14 pessoas já tinham sido vítimas da água contaminada e ninguém tinha tomado providência”, diz Zeneide. “As fa-

mílias dos outros mortos são muito humildes e acreditavam que quem fazia hemodiálise estava lá para viver ou morrer.”

Quando o marido começou a ter dores no corpo e problemas de visão, o médico do

IDR foi informado. “Ele nos disse que esses sintomas eram causados pelo excesso de cloro na água, mas que tudo já estava normal”, lembra Zeneide. “Eu vi uma pessoa morrer durante a hemodiálise e avisei que iria denunciar aquilo.”

Pedro Vieira Neto começou a piorar e morreu no dia 11 de março. “No velório eu disse que entraria com uma ação na Justiça contra os culpados e o governo”, diz. Hoje, 25 famílias entregaram uma procuração ao advogado Severino Alberto Leite, tio da vítima com menor idade — Ricardo Alexandre Borges Vieira, de 21 anos —, para conseguir pagamento de indenização. Também prepararam uma viagem a Brasília, onde protestarão contra o descaso com a saúde pública no País.

A MISÉRIA DA CIDADE SEM ÁGUA

Nos bairros pobres de Caruaru, as torneiras ficam secas até 15 dias seguidos

O problema de falta de água em Caruaru é crônico. Nos bairros de classe média, como o de Maurício de Nassau e Santa Maria Gorete — onde estão as casas de deputados e do prefeito —, a população fica até quatro dias sem água nas torneiras. Com melhor poder aquisitivo, porém, os moradores constroem cisternas para o armazenamento (os 7 mil litros de um caminhão-pipa custam R\$ 26,00) e quase não sentem a deficiência no abastecimento.

Nas regiões mais pobres, porém, onde há falta de água por mais de 15 dias seguidos, os moradores estão entregues à própria sorte e só podem

contar com a distribuição irregular pelos caminhões-pipa da Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa). “A gente guarda a água em baldes e tambores”, contam.

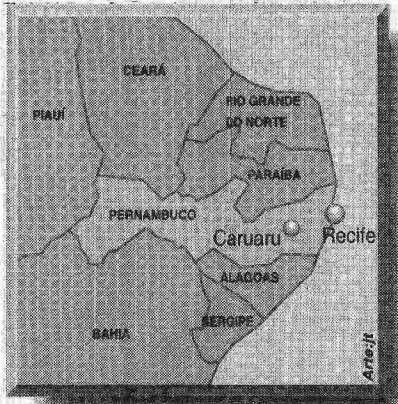
“Não dá para saber quando o caminhão virá outra vez.” A população de Caruaru está acostumada a economizar toda a água que consegue pelas torneiras ou que chega pelos ca-

minhões. “Aqui, a gente toma banho de cuia e guarda numa bacia para depois jogar no vaso sanitário”, dizem.

O secretário da Saúde admite que a população de Caruaru sofre com a falta do abastecimento e que precisa recorrer aos caminhões-pipa. Mas acusa os donos do IDR pela negligência no sistema de filtragem da água usada na hemo-

díalise. “Quem monta uma clínica tem de garantir o serviço que presta”, diz. “Se no IDR sempre faltava água tratada, que se mudassem para outro lugar”, acrescenta.

O governador Miguel Arraes diz estar investindo R\$ 1,2 bilhões para resolver o problema da água e se recusa a admitir a responsabilidade do Estado na mortes dos pacientes do IDR, que há mais de dois anos não era alvo de fiscalização. “Não podemos manter uma equipe da Vigilância Sanitária em cada clínica”, afirma. “Se formos às últimas consequências, a responsabilidade é do País, que gerou a miséria.”



“Meu Deus, ele vai morrer!”
Nádia Pereira, irmã de Edelson Pereira, um pedreiro de 28 anos internado no Hospital Barão de Lucena, em Recife, se desesperava na tarde do domingo passado com o agravamento do estado do rapaz. Fazendo hemodiálise há nove anos no Instituto de Doenças Renais de Caruaru (IDR), Edelson, casado, pai de um menino de sete anos, foi vítima da água contaminada da clínica. “Aqui, a salvação é como um bilhete de loteria premiado jogado dentro de um estúdio lotado e só uma pessoa pode pegar”, dizia Nádia. Na madrugada de ontem, o irmão se transformou na 42ª vítima da tragédia de Caruaru — que ainda ameaça outras 84 pessoas. Edelson, que seis anos atrás teve um rim transplantado da mãe e três meses mais tarde sofreu problemas de rejeição, não foi premiado com a vida — foi sorteado na roleta-russa do IDR.

Além de Edelson, a tragédia de Caruaru — o segundo maior município do Estado de Pernambuco, com 250 mil habitantes, a 130 km de Recife — também matou na noite de anteontem o paciente Severino Torres de Andrade, de 43 anos.

Mas a notícia de que algo errado estava acontecendo com os pacientes do IDR — uma informação que vinha sendo omitida desde 20 de fevereiro pela direção do Instituto — só chegou por fax à Secretaria Estadual de Saúde em 6 de março, quando o 12º doente renal, Paulo Henrique Barbosa de Moura, de 25 anos, morria no Hospital Santa Efigênia.

Sem saber por que O DRAMA DAS FAMÍLIAS

Até agora, porém, a maioria das famílias das vítimas do IDR, gente humilde e analfabeta do agreste pernambucano, ainda não entende o motivo de tantas mortes. “Eu só ficava sabendo que os doentes estavam morrendo, vi meu marido sendo enterrado, mas não sei o que aconteceu”, diz Corina Francisca Nascimento, viúva de José Vítor Irmão Rodrigues, sepultado no dia 13 de março. “Uns falam que foi por causa de urina de rato, outros dizem que lá tinha muita barata, mas só sei que quem saiu perdendo fui eu.”

“Todos os médicos do IDR feriram a ética ao sonegar essa informação”, acusa o secretário estadual da Saúde, Jarbas Barbosa. “Infelizmente, contaram com a resignação das famílias dos pacientes.”

Ao mesmo tempo em que o Estado conhecia a dimensão da tragédia que ameaçava os outros doentes que, três vezes por semana, se submetiam a sessões de hemodiálise no IDR — uma clínica privada conveniada ao Sistema Único de Saúde —, foi atingida a família de Zeneide Trajano Vieira, que acabou denunciando o caso (leia nesta página).

OUTRA CLÍNICA É FECHADA

Dos mesmos donos

A Secretaria de Saúde de Pernambuco interditou ontem o Instituto de Nefrologia e Urologia de Caruaru (Inuc), dos mesmos donos do Instituto de Doenças Renais de Caruaru (IDR). Os 55 pacientes do Inuc continuam o tratamento de hemodiálise na Clínica Nossa Sa. do Perpétuo Socorro, em Garanhuns.

A decisão, combinada com o Ministério da Saúde, visou, segundo o secretário Jarbas Barbosa, poupar os pacientes do clima de pânico que estava sendo gerado pela direção da clínica. Segundo Jarbas, o Inuc funcionava sem problemas técnicos e a água, monitorada diariamente, tinha garantia de potabilidade. Mesmo assim, os donos haviam ameaçado suspender os serviços do Inuc sob alegação de que a água não era adequada à hemodiálise.

O secretário disse não ter mais confiança nos diretores do IDR e do Inuc. Acusou-os de fornecer informações falsas na tentativa de se livrar da responsabilidade pela contaminação ocorrida no IDR.